

## RESENHA

### ADAGA-FLOR, SOARES, Mozart Pereira Metr pole - Porto Alegre - 1991

Mozart Pereira Soares aparece novamente com outra surpresa literária: ADAGA-FLOR, in memoriam de João XXIII. Livro de versos, cheio de vida e de pro cias e adequadas metáforas. O livro foi ilustrado por J. B. Martins Ramos, ignoto gaúcho perdido na selva de pedra da Paulic cia. Paulo Bonfim levou o Poema ao Martins para ilustrar. O livro foi escrito em abril de 1965, as ilustra es em junho de 1984 e a edi o sob os cuidados de Henry Saatkamp em 1991.

Transcrevo o cartão de Paulo Bonfim a Mozart Pereira Soares:  
Meu caro Mozart  
Entre  o ano com "Adaga-flor" perfumando meus ramos.  
Quanta beleza e quanta verdade nas pétalas da lâmina que vibra transfigurada em poesia.  
Martins   hoje habitante de nossa saudade. Partiu e ficou encantado na Serra do luar, velando  
por todos nós.   linda que o vento canta nos campos da noite, gra ssimo pela emo o de seus poemas.

Fraternalmente

**Paulo.**

O depoimento de J. B. Martins Ramos sob o título "Humano e gaúcho" não poderia estar ausente:

#### Humano e gaúcho

No mundo haverá esperança enquanto nele houver ternura - esta flor que corta impetus violentos; ou moer  sob ela. Você já olhou a cara de quem esmaga uma flor? Não   pela flor -   por alguém chamar humano ao bruto. Humano   dar vida e melhor vida e, não, tir -la ou pior -la. Este poeta humano   gaúcho deu vida humana e gaúcha a uma ternura barbaridade de linda: a que deseja, repropõe e te ma em unir os irmãos separados, como fazemos nas volteadas campeiras, trazendo ao sal e   cura nosso gado manso e suco; ele fez mais, está voltando gente, mansa ou suca, e se algum esgarhar, fica sem sal e sem cura: o sal da f  e a cura da alma.

**J. B. Martins Ramos**  
**São Paulo**

A f  positiva do autor procura a ponte com a f  cristã da  justificativa do livro de versos cheios de amor e esperança no mundo ressurgindo de tantos ódios a caminho da Caridade e da Unidade focos centrais do Evangelho.

ADAGA-FLOR   a vida de João XXIII cantada em redondilhas no ritmo tão ao gesto dos recitadores das festas campeiras.

São sete patamares por onde vai passando o poema por onde o Papa Giovanni vai perambulando a caminho do Eterno: I Alvorece em Sotto il Monte; II Adaga-flor no caminho; III No torvelinho das gentes; IV Olhando a Cidade Eterna; V O chasque e as duas cartas; VI Flete branco rumo ao céu; VII Ouvindo a voz do Patrão.

A singeleza das palavras se casa com a doçura das imagens que acompanham a trajetória do humilde campon o que chegou a ser o chefe espiritual de todos os humanos. Assim inicia o poema:

*Recém a rosa do dia  
Avermelhava o horizonte  
E o filho do lavrador  
Disse adeus a Solto-il-Monte.*

*Na mão direita, uma vara,  
Seu cajado de Pastor.  
Que o Pai austero dissera  
É a Santa Mãe confirmara  
Que, pelos campos do Mundo  
Um rebanho se extraviara.*

*E ele saiu correr mundo  
Para juntar as ovelhas  
Tresmalhadas do Senhor.  
A ouvir cantigas de estradas,  
Desceu vales, subiu montes,  
Passou, depois, velhas pontes;  
Foi ao comprido de um rio. (p. 19)*

A vida do grande e amado Pastor vai perpassando nas rimas e nas cadências dos versos até o sétimo patamar sob a epígrafe - Ouvindo a voz do Patrão.

*Em meio de tanta luz  
Ouviu São Pedro falar  
- Nas invernadas do mundo,  
Não me falta capataz.  
Mas eu mandei-te chamar,  
Por saber do que és capaz.  
Há, no céu, duas porteiras:  
Uma bem larga, outra estreita.*

*Pela primeira, desliza  
Uma enorme correnteza.  
É o rio dos pobres da terra,  
O pobre rio da pobreza.  
Quanto a segunda, é a dos ricos  
Mas por ela só me passam  
Os limpos de alma e mãos,  
Os que fizeram fortuna  
Sem tirar de seus irmãos.*

*Os homens estão mudados:  
Os ricos vêm mais pesados,  
Cresce dos pobres o rio:  
Estreita mais a dos ricos,  
e alarga a do pobreiro!*

É belo e cândido o poema de Adaga-flor, lindas também e vigorosas as ilustrações feitas com traços vigorosos e nítidos pela mão do artista gaúcho J. B. Martins Ramos.

Quem quiser passar minutos de enlevo espiritual leia com o coração aberto Adaga-flor de Mozart Pereira Soares.

**Kundera, Milan - A Arte do Romance, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1988. 145 ps.**

O sucesso de público, até certo ponto inesperado, alcançado pelos romances do escritor tcheco-eslovaco Milan Kundera, fez com que ele corresse o risco de acabar marginalizado pela inteligência nacional, sob o eventual argumento de, em sendo um best seller, não merecer a atenção de nossas elites. Felizmente, porém, a editora que o lançou e divulgou no Brasil não se limitou aos lucros imediatos desse sucesso, mas resolveu investir mais longamente no escrito, e o resultado foi a publicação deste seu verdadeiro tratado prático - mais que teórico - sobre o romance, a partir de sua própria experiência de escritor.

Os textos aí reunidos denotam, antes de tudo, a perspectiva profundamente profissional de Milan Kundera, talvez até mesmo devido a seu auto-exílio e à consciência plena da necessidade de sobreviver de sua arte. Seja como for, a verdade é que através desses poucos mas amplos escritos, percebe-se, com clareza absoluta, a unidade de pensamento do intelectual e a coerência com que se concretizam em sua obra de ficcionista (pode-se também dizer ao contrário: a maneira consciente pela qual ele é capaz de ler seus próprios textos, vinculando-se a determinada tradição do romance europeu e buscando balizar os conceitos básicos que o orientam).

Podemos discutir, por exemplo, em relação a Kundera, o fato de que, embora teoricamente ele distinga dois elementos básicos no romance, aquilo a que denomina de enredo (plot, no termo francês) e o tema (ou temas, as questões teóricas que desenvolve) e busque o equilíbrio entre eles, na verdade, o primeiro termina atuando a favor do segundo. Ou seja, sem cairmos no antigo ramerrão do romance de tese, pode-se afirmar que Kundera escreve romances para discutir determinados temas, temas que, na verdade, circunscrevem determinado universo de preocupações (as suas preocupações) e que se encontra profundamente marcado pela experiência do socialismo concreto europeu, a partir da influência soviética sobre a Tcheco-eslováquia, a que ele denomina de totalitarismo. Kundera afirma, com absoluta clareza, reiterando por diversas vezes a mesma perspectiva, que, para ele, o romance "deve descobrir uma porção até então desconhecida da existência" (p. 11) sem o que ele seria imoral (leia-se anti-ético). O romance deve tocar no "ser do homem" (p. 61), definindo-se, ele mesmo, como autor de um romance que traduz uma interrogação meditativa ou meditação interrogativa" (p. 33), na medida em que a personagem é um "ego experimental" (p. 35), construindo-se em torno de palavras-chave, como ocorre em "A insustentável leveza do Ser" (p. 32). Para Kundera, assim, o romance não examina a realidade, mas a existência, a possibilidade, o potencial, e (p. 42) e o romancista, conseqüentemente, é um explorador da existência (p. 43), transmitindo ao leitor e expressando uma interrogação permanente sobre o mundo e suas personagens (p. 72). Aproximando o gênero romanesco da própria poesia, Kundera afirma que o poeta descobre o poema que está lá, sempre esteve lá, no passado (p. 104), sendo por isso mesmo, uma resposta à permanente indagação sobre o que seja a existência humana (p. 142).

Kundera tem claras concepções a respeito de todas essas questões. Nascido em Praga, em 1929, nascido na mesma cidade de Franz Kafka, cinco anos após a morte do autor de "O processo", na verdade Kundera, quando se refere ao totalitarismo, não está falando apenas da experiência do socialismo concreto por ele vivida.

Kundera é um europeu (e na sua definição, um homem que tem nostalgia da Europa) p. 115 - sabendo-se que a Europa, tal como a concebe ele, desapareceu. Do imenso universo sem fim dos primeiros romancistas europeus, chegou-se ao mundo limitado pelas paredes dos arranha-céus, e o ser humano, de viajante e explorador de mundos, ficou reduzido à condição kafkiana de funcionário (p. 102), que é onde Kundera identifica a maior manifestação do totalitarismo, eis que nesta condição se mescla a condição individual e particular com a social e coletiva, não permitindo mais ao sujeito qualquer solidão. Neste sentido, Kundera coloca-se claramente como um anti-moderno, na medida em que condena o tecnificismo crescente, a perda da individualidade, e, contrapondo à falta de esperança o conceito de beleza (p. 110) - sente-se nostálgico do antigo elitismo europeu (p. 113) destruído pela perspectiva cíclica sem

saída da História (p. 54), sua irracionalidade (p. 57), sua falta de valores e, conseqüentemente a possibilidade de qualquer coisa constituir-se em um valor (ps. 51 e 52), o que clarifica o conceito norteador das ações de Tomás, principal personagem masculino de "A insustentável leveza do Ser".

Se Kafka é um referencial permanente na obra de Kundera, o curioso é que a perspectiva do romance como exploração de possibilidades vincula o escritor tcheco à tradição aristotélica (ver o conceito de ato-potência da Poética), da mesma forma que, ao afirmar que as personagens devem ir até o limite de uma situação, liga-se, indiscutivelmente, à perspectiva sartreana do "homem em situação" (p. 36). Pensando o romance a partir da Europa, Kundera corre o risco de, mesmo levando em conta alguns romancistas latino-americanos que chega a citar (como Carpentier), esquecer que a América ainda é um potencial não de todo explorado. Aliás, o mesmo Alejo Carpentier defendia a tese de que o romance latino-americano tinha futuro exatamente por essa abertura universalizante que apresenta, talvez quebrando o labirinto com que Kundera identifica o poder (p. 93), com as imensas e infinitas possibilidades que o realismo maravilhoso nos abre, mas que o escrito europeu parece desconhecer ou valorizar, pois se limita a ver no elemento do cômico um lado de horror que, para nós, na América Latina, tinge-se de outro aspecto, bastando lembrar-se dos romances de Rôa Bastos ou Garcia Marquez, para citarmos apenas dois autores.

De qualquer maneira, provocativo para um europeu, interessando para reflexões a um leitor latino-americano, os ensaios de Kundera apresentam ainda curiosidades em torno de sua própria arte, como a influência do número sete na estruturação de seus romances, valendo, enfim, e sobretudo, como um atestado da seriedade com que o escritor, agora de retorno a sua pátria e a seu idioma, desenvolveu, no romance, experiências que, mais do que pessoais, são literárias, estabelecendo, na prática, aquele "continuum" que ele identifica na herança renovada pelo romance de Herman Broch, a que tanto e tanto se refere.

Antonio Hohlfeldt

## SÓNGORO COSONGO

Lothar Hessel  
UFRGS

Estudiosos de Literatura encaram com viva simpatia os diversos movimentos de vanguarda havidos nas primeiras décadas deste século, os chamados "ismos", que no entender de Carlos Bousoño constituíram outras tantas afirmações do próprio individualismo de poetas e de artistas.

O saldo positivo desses movimentos corporificou-se nas produções de alguns vultos de bom quilate, sem falar na geral ventilação que imprimiu à Literatura e à Arte daquela época.

Os mais citados desses movimentos têm sido o futurismo (Marinetti), o expressionismo e o impressionismo, o cubismo (Apollinaire), o dadaísmo (Tristan Tzara), o surrealismo (André Breton e Rafael Alberti), a chamada "poesia pura" (Henry Brémmond e Jorge Guillén), o creacionismo (Vicente Huidobro), o nativismo (Nicolás Guillén) e o ultraísmo (Jorge Luis Borges e César Vallejo). Alguns desses movimentos, como é bem de ver, se manifestaram também em outras formas de arte que não a literária.

Dentre essas notáveis figuras, das que pisaram terras brasileiras, consta o cubano Nicolás Guillén, nascido em Camagüey (1904-1989).

Foi em 1961. Guillén não se limitou ao eixo Rio-São Paulo, mas estendeu seus contatos com outros centros, inclusive a meridional Porto Alegre.

Nessa cidade foi assaz festejado. O Correio do Povo local, de 22 de novembro daquele ano, assim noticiou sua visita: "Encontra-se em Porto Alegre Nicolás Guillén, o mais destacado poeta de Cuba.

Guillén, que veio ao Brasil já há mais de 15 dias, para assistir à Bial de São Paulo, tem sido alvo em nosso país de muitas homenagens dos intelectuais brasileiros.

Durante o dia de ontem visitou o governador Leonel Brizola e a Assembléia Legislativa do Estado. À noite foi-lhe oferecido um galetto por intelectuais porto-alegrenses. Hoje às 9 horas da manhã, pronunciará ele uma conferência no Teatro de Equipe, devendo viajar para o Rio cerca do meio-dia".

Assisti a essa conferência e dela guardei boa impressão, como também de sua personalidade. O Teatro de Equipe era então uma pequena, modesta sala de espetáculos, mas de muito viva atuação nos meios culturais da cidade. Por outro lado dizia-se à boca pequena que Don Nicolás, dentro de sua própria linha política, tinha vindo ao Sul especialmente para conhecer o governador Brizola, àquela altura ainda imune aos azares de seu exílio em 1964.

A linha política anti-norte-americana e esquerdista, Guillén já tornara nítida em livros de poesia com intenção social, nos quais os próprios títulos já adiantam bastante: West India Ltd. (1934), Cantos para soldados y sonos para turistas (1937). Nesse último título a palavra son pode significar não somente o som português, mas também um movimentado "baile popular cubano". Aliás sua primeira obra, de 1930, se intitulou Motivos de son, "poemas escritos com ritmo de música cubana e que provocaram, na época, enorme celeuma nos meios literários", segundo dizeres do citado jornal, e que assim prosseguem:

"No ano seguinte, desenvolvendo os esquemas iniciais do seu primeiro livro, lançou Sóngoro Cosongo, que deu lugar a uma carta de Unamuno, na qual o grande pensador espanhol realçava seu valor literário".

Sóngoro Cosongo, quem o tenha lido e que não terá vibrado com tão densa e insólita poesia?

A alusão a Unamuno nos leva à Espanha, àquela dolorida e dividida Espanha dos anos 30: "Quando Guillén se encontrava na Espanha durante a guerra que abalou aquele país, lançou em Valência o "Poema en cuatro angustias y una esperanza". Em seguida apresentou "El son

entero", considerada uma de suas melhores produções literárias, no dizer da mencionada notí-  
cia.

Ainda que engolfado profundamente nos assuntos de sua Cuba, Nicolás Guillén não  
descarta do que se passa em literatura, arte e política, em outras latitudes. Assim sobrou para o  
nosso Portinari o seguinte poema, composto aliás em Buenos Aires:

*Para Cándido Portinari  
la miel y el ron  
y una guitarra de azúcar  
y una canción  
y un corazón.  
Para Cándido Portinari  
Buenos Aires y un bandoneón.*

*Ay, esta noche se puede  
se puede,  
ay, esta noche se puede  
se puede  
se puede cantar un son:  
Suena y fulgura.*

*Un hombre de mano dura,  
hecho de sangre y pintura  
grita en la tela.  
Suena y fulgura  
su sangre de mano dura;*

*suenan y fulguran  
como tallado en candela;  
suena y fulgura  
como una estrella en la altura;  
suena y fulgura  
como una chispa que vuela...  
suena y fulgura.*

*Así con su mano dura  
hecho de sangre y pintura  
sobre la tela  
suena y fulgura  
un hombre de mano dura.  
Portinari lo desvela  
y el roto pecho le cura  
al hombre de mano dura,  
que está gritando en la tela,  
hecho de sangre y pintura.  
Suena y fulgura.*

## ZILBERMAN, Regina - Estética da Recepção e História da Literatura. São Paulo, Editora Ativca, 1989.124 p.

O rigorismo metódico que caracteriza os trabalhos de Regina Zilberman está claríssimo  
neste seu novo trabalho, de evidente caráter pedagógico e de introdução às questões conceituais  
da chamada Teoria da Recepção. Revisando algumas das escolas críticas mais recentes, espe-  
cialmente o New Criticism e a Sociologia da Literatura, para chegar à chamada Escola de Cons-  
tança, a autora expõe, com absoluta clareza, e citando a partir de traduções quase sempre pes-  
sosas do original alemão, as intenções e a abertura permanente com que um dos principais  
teóricos do movimento, Hans Robert Jauss, apresenta suas idéias.

Partindo das teorias de Gadamer, Adorno, Ingarden, Robert Escarpit, e buscando com-  
preender as diferentes etapas que o crítico alemão foi ultrapassando à medida em que dialogava  
com seus colegas de universidade; mais que isso, mostrando que as preocupações de Estética  
da Recepção tiveram em sua raiz as profundas discussões que marcaram os anos sessenta na  
Universidade alemã (como de resto na universidade francesa), Regina Zilberman aprofunda,  
em cada capítulo, um determinado conceito, que exemplifica e desenvolve plenamente, mon-  
tando, com a paciência do exadrista, o panorama que pretende apresentar ao leitor.

O momento mais importante é aquele em que discute a autora as chamadas sete teses  
de Jauss, a que segue então a afirmativa de que a interpretação literária é um jogo de perguntas  
e respostas a que qualquer leitor pode se prestar mas ao qual necessariamente o crítico literário  
deve estar afeito, se quiser desenvolver bem sua tarefa.

Valorizando a compreensão, a interpretação e a aplicação, e diferenciando cada etapa e  
cada um desses conceitos, a autora decide-se então pelo estudo prático de um texto brasileiro  
- o romance de Machado de Assis Helena, sobre o qual aplicará o que desenvolveu até então.

A própria escolha desse romance valoriza a análise, eis que volta sua atenção para uma  
obra considerada menor do grande romancista, o que lhe permitirá quebrar a tradição da aná-  
lise, renovando-a. Nada melhor, certamente, para demonstrar a eficiência e o interesse de pers-  
pectivas que a Estética da Recepção entrega ao leitor em geral e ao crítico em particular.

Assim, da leitura da obra saímos enriquecidos, pois podemos, mais do que apreender  
teoricamente as colocações dos autores enfocados e da própria Regina Zilberman, examinar na  
prática, até que ponto tal tendência poderá ou não ser útil à leitura crítica do texto literário.

O volume é enriquecido por ampla informação bibliográfica de sorte a guiar plenamente  
os novatos no assunto e que eventualmente dominem o alemão ou o inglês, na busca dos textos  
originais, ou, na pior das hipóteses, das traduções em francês, espanhol ou português hoje já  
existentes à disposição do leitor brasileiro.

Trabalho que demonstra, sobretudo, o tranqüilo domínio do tema escolhido que a au-  
tora apresenta, a obra em questão é uma excelente contribuição para a divulgação dessa nova  
teoria entre os estudiosos da literatura no país.

Antonio Hohlfeldt

## Saneamento básico

Vilma Maria Cavinatto

Saneamento significa higiene e limpeza: coleta e tratamento de resíduos pelo homem, como o esgoto e o lixo. A bióloga Vilma Maria Cavinatto propõe e responde, neste livro, inúmeras questões: Desde quando o homem se preocupa com o saneamento? Quais os caminhos que a água percorre antes de chegar às nossas casas? Há soluções para os problemas que enfrentamos com o esgoto e com o lixo, extremamente agravados pelo crescimento da população das cidades?

*Um beija-flor dentro de casa!  
Será que ele vai ficar?  
Será que vai ser meu amigo?*

Vivina de Assis Viana criou uma fábula poética que apresenta inúmeras possibilidades de interpretação. Dependendo da história de vida de cada um de nós, dependendo do momento psicológico em que nos encontramos quando estivermos lendo este livro, nós o sentiremos de uma forma diferente. Pensaremos sobre a nossa relação com o bichinho lindo, minúsculo, arreado, que jamais poderemos "possuir" como se fosse um cão ou um gato. Pensaremos, também, no relativismo da nossa condição de dominadores da natureza no nosso papel de seres superiores a todo o resto da criação. Pensaremos...Ai, pensaremos em tanta coisa, vasculharemos de tal modo nossa maneira de pensar, reveremos com tal profundidade nossos valores, que sairemos da leitura desta história com nossa admiração renovada pelo talento desta grande escritora brasileira.

Renê de Francisco já provou ser um dos ilustradores brasileiros com maior profundidade no tratamento de cada história que já reforçou através de sua incrível visão do que é plasticidade. E, com este trabalho, criou também uma obra gráfica aberta, enchendo de beleza e inteligência a emoção estética que o texto nos proporciona.

Leitura recomendada a partir de 8 anos.

*ESSA VIDA SEM FANTASMAS NÃO TEM GRAÇA*  
LAIS CARR

Vassourasmas, cornetasmas, vestidasmas, cartolasmas, quem já ouviu falar de fantasmas tão malucos?

A vovó Lcia comprou uma mansão afastadíssima, por uma verdadeira pechincha. E lá foi ela para a mansão, com sua secretária e seus dois netinhos. Mas, sabem por que o preço tinha sido tão barato? Porque aquela era uma mansão assombrada por fantasmas! Os mais gozados fantasmas deste e do outro mundo, que fizeram desta história o mais gozado de todos os livros sobre fantasmas!

Laís Carr Ribeiro, ao propor um livro sobre fantasmas, não pensava nem por um momento em uma história cheia de suspense, de medos, de pavores. O que esta autora realmente pretendia ela conseguiu: este é um livro de humor raro, composto com uma rara criatividade. Na imaginação medrosa de cada um de nós, em uma noite de tempestade, cheia de sombras e clarões, qualquer coisa pode transformar-se em um fantasma, desde um casaco pendurado em

um canto mal iluminado até à sombra de uma jarra sobre a mesa. Partindo destes elementos, tão comuns à psicologia de qualquer um, a autora criou uma história engraçadíssima.

Carlos Edgard Herrero secundou brilhantemente esta intenção. Talvez ele também, na infância, tenha criado seus próprios fantasmas a partir de sombras entreperechadas em uma noite assustadora. E foi buscar toda esta bagagem para transformá-la no gostosíssimo visual deste livro.

Leitura recomendada a partir dos oito anos.

*CONVERSA VAI, CONVERSA VEM*  
RONALDO SIMÕES COELHO

Uma amizade cheia de reclamações entre um cachorro...e um gato!

Aquele cachorro e aquele gato só sabiam reclamar! Cansavam-se de qualquer coisa, do menor esforço, da menor caminhada. Sempre que se encontravam, a conversa girava em torno das queixas, dos esforços e dos cansaços. Mas acontece que o gato teve uma idéia daquelas...

Uma fábula é instrumento literário sobejamente conhecido desde os gregos. Deve, como se sabe, encerrar sempre uma lição de vida, ou, pelo menos, deve permitir que o leitor chegue a uma conclusão edificante no final da história.

*EDUCAÇÃO EM PRIMEIRO LUGAR*  
ARNALDO NISKIER

Nosso sistema educacional encontra-se em um impasse, é preciso conhecer melhor nossa realidade educacional para resolver esse problema que nos condena ao subdesenvolvimento eterno.

A educação no Brasil não tem recebido a devida atenção por parte dos nossos governantes. Basta observar a qualidade de ensino, o nível salarial a que foram reduzidos os professores, as condições das escolas e o número de brasileiros analfabetos. Neste livro dedicado à leitura dos jovens, Arnaldo Niskier procura provocar entre eles a discussão para que esses mesmos jovens venham a engajar-se num esforço de conscientização da sociedade para que seja possível uma urgente transformação no tratamento que nosso país vem dando ao problema educacional.

# IDENTIFICAÇÕES

Lothar Hessel - UFRGS

Desde que a humanidade alcançou um certo grau de civilização, tornou-se habitual alguns de seus indivíduos se alçarem acima da média geral e a coletividade lhes recolher os princípios dados biográficos, perpetuando-os em lendas e registros.

Nesse hábito se insere a série de identificações a seguir. De gente que se destacou em ciências, letras, artes, política, religião, etc. Ei-las:

Apollinaire, Guillaume -. Nome literário do poeta e crítico de arte, francês **Wilhelm Apollinaris de Kostrowitsky**, nasceu em Roma (1880 - 1918), com parentesco polonês. Influuiu bastante nos novos rumos da literatura e da arte, a partir do Simbolismo.

Aprelly -. Pseudônimo do jornalista brasileiro Aparício Torelly, nascido acidentalmente em Cerro Largo, no Uruguai, em 1895, e falecido no Rio de Janeiro em 1971. Atuou nas cidades de Bagé, São Gabriel e Rio de Janeiro. Fundou diversos periódicos humorísticos, entre os quais *A Sogra* e *A Manhã* (Rio de Janeiro, de 1926 a 1958). Usou também o pseudônimo de **Barão de Itararé**.

Azevedo, Aroldo de -. Escritor e professor paulista (Lorena, 1910 - São Paulo, 1974). Apesar de bacharel em Direito, voltou-se inteiramente para o campo da Geografia, licenciando-se também nessa ciência. Sua produção bibliográfica é rica, com ênfase na Geografia urbana e em livros didáticos.

Barata, Antônio -. Jornalista e escritor paraense (Belém do Pará, 1913 - São Paulo, 1973), radicado em Porto Alegre. Nessa cidade labutou no *Diário de Notícias*, no *O Estado do Rio Grande* e na *Revista do Globo*. Publicou também quatro livros infantis.

Barbosa, Antônio Lemos -. Sacerdote e filólogo mineiro (Três Corações, 1910 - Rio de Janeiro, 1970), especialista em língua tupi. Foi capelão militar da igreja do Forte de Copacabana. Entre suas obras: *Curso de Tupi Antigo e Pequeno Vocabulário Tupi-Português*.

Barone, Augusto -. Ator teatral sul-rio-grandense (Porto Alegre, 1902 - São Paulo, 1976). Radicando-se no centro do país integrou grandes companhias teatrais, durante quatro décadas e foi um dos iniciadores do rádio-teatro em nosso país.

Barreto, (Vitor) Lima -. Cineasta paulista (São Paulo, 1905 - Campinas, 1982). Autor de dezenas de roteiros e argumentos de filmes. Em 1952 escreveu e dirigiu *O Cangaceiro*, prêmio especial no Festival de Cannes em 1953.

Barroso, Ari -. Compositor musical, pianista, político e desportista mineiro (Ubatuba, 1903 - Rio de Janeiro, 1954). A partir da década de 1920 viveu e atuou na ex-capital federal. Autor de numerosas músicas de sucesso, entre as quais a célebre *Aquarela do Brasil*. Nome completo: **Ari Evangelista de Rezende Barroso**.

Batista, Raimundo Zito -. Poeta e jornalista piauiense (Natal, hoje Monsenhor Gil, 1887 - Rio de Janeiro, 1926). A seu respeito Tito Filho publicou *Zito Batista, o Poeta e Prosador*.

Boto, Antônio -. Poeta e escritor português (Concevedas, 1902 - Copacabana, Rio de Janeiro, 1959). Em 1947, imperando Salazar em Portugal, transferiu-se para o Brasil. Morreu atropelado por automóvel veloz.

Braudel, Fernand -. Historiador e professor francês (Laneville, 1902 - Paris ?, 1985). Lecionou também na Argélia e no Brasil, aqui de 1935 a 1937 na Universidade de São Paulo. Participou ativamente da 2ª Guerra Mundial, sendo feito prisioneiro. Membro da Academia Francesa de Letras. Entre suas obras: *Uma Lição de História*.

Brum, Ivalino -. Poeta, jornalista e teatrólogo sul-rio-grandense (Rio Pardo, 1872 - Carazinho, 1934). Animador de arte teatral nos vários municípios em que viveu. Estreou com o drama *O Dedo de Deus*, em Triunfo, 1899. Nome completo: **José Ivalino Pessoa de Brum**.

Capdevila, Arturo -. Escritor, poeta e professor argentino (Córdoba, 1889 - Buenos Aires, 1967). Autor de *Babel* e *el Castellano*, *La Fiesta del mundo*, *Córdoba del recuerdo*, etc.

Cardoso, Edna May -. Professora e atriz sul-rio-grandense (Cruz Alta, 1919 - Santa Maria, 1979). Dedicou-se mormente à Educação Física e à de deficientes de audição e fala. Sobre esse tema é póstumo seu livro *Recreação e Mecânica Respiratória* (1981). Foi casada com o escritor e diretor de teatro Edmundo Cardoso.

Carril, Hugo del -. Cantor, artista do cinema, poeta e historiador da música popular no Rio da Prata (Buenos Aires, 1912 - Buenos Aires, 1989). Seguidor de Carlos Gardel. Peronista, com a queda do ditador exilou-se na Colômbia (1955-1973). Nome real: **Piero Bruno Hugo Fontana**.

Cascudo, Luís da Câmara -. Folclorista, professor, jornalista e escritor norte-rio-grandense (Natal, 1898 - Natal, 1986). Pesquisador infatigável, entre dezenas de trabalhos originais, deixou um *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1956) e uma *Antologia do Folclore Brasileiro* (1958). E ainda: *História do Rio Grande do Norte*. Alcançou renome internacional.

Correa, Rivadávia da Cunha -. Político e jornalista sul-rio-grandense (Santana do Livramento, 1866 - Petrópolis, 1910). Diplomado pela Faculdade de Direito de São Paulo. Propagandista da Abolição e da República. Foi prefeito do Distrito Federal e Ministro da Justiça e da Fazenda. Elaborou a reforma do ensino superior, consubstanciada na chamada "Lei Rivadávia".

Correia, Luís (de Moraes) -. Político, professor e jornalista piauiense (Amarração, 1881 - Fortaleza, 1934). Editou diversas obras. Sua cidade natal tem hoje o seu nome de **Luís Correia**.

Costa, João Batista da -. Teatrólogo sul-rio-grandense (Rio Grande, 1888 - Rio Grande, 1958). Foi também ator, ponto, ensaiador e empresário teatral. Deixou peças de teatro ligeiro e a ópera *Caprichos de Amor* (1919), com música de Narciso Araújo.

Duarte, Eduardo (Mafra) -. Médico e escritor sul-rio-grandense (Porto Alegre, 1874 - Veranópolis, 1962). Em Veranópolis foi professor e conselheiro municipal. Em Porto Alegre, lecionou na Escola Médico-Cirúrgica e atuou no Arquivo Histórico e no Museu do Estado. Co-fundador do Instituto Histórico e Geográfico do RGS. Publicou numerosos trabalhos de caráter histórico.

Escosteguy, Pedro Geraldo -. Médico e poeta sul-rio-grandense (Santa do Livramento, 1917 - Porto Alegre, 1989). Foi um dos fundadores do Grupo Quixote, na capital. Autor de *A Palavra e o Dançarino*.

Faria, Antônio (Gonçalves de) -. Engenheiro, político e jornalista sul-rio-grandense (São Sepé, 1854 - Porto Alegre, 1936). Deputado federal na Constituição de 1891, foi ministro da Agricultura sob Floriano Peixoto. Dissentiu da política de Júlio de Castilhos e o combateu pelo jornal *O Rio Grande*, do qual era diretor.

Fiori, Ernâni (Maria) -. Professor, ensaísta e jornalista sul-rio-grandense (Porto Alegre, 1914 - Porto Alegre, 1985). Exerceu o magistério nas Universidades Federal e Católica de sua cidade natal, como ainda na Universidade Católica de Santiago do Chile e na Técnica, de Lisboa. Foi perseguido pelos militares da Revolução de 1964. Autor de diversos ensaios, foi redator-chefe de *A Nação*, de Porto Alegre.

Foucault, Michel -. Filósofo francês (Poitiers, 1926 - Paris, 1984). Desenvolveu uma Filosofia da História, baseada na discontinuidade. Entre suas obras: *Histoire de la folie à l'âge classique* e *Les Mots et les choses*.

Franca, Leonel -. Sacerdote jesuíta, filósofo, ensaísta e professor sul-rio-grandense (São Gabriel, 1893 - Rio de Janeiro, 1948). Estudou na Universidade Gregoriana em Roma. Foi fundador e, a partir de 1940, reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Entre outras importantes obras suas, citem-se *História da Filosofia* e *A Crise do Mundo Moderno*.

Franca Júnior, Osvaldo -. Escritor mineiro (Serro, 1936 - João Monlevade, 1989). Foi oficial da Aeronáutica, cassado pela ditadura militar de 1964. Com seu romance *Jorge um Brasileiro* conquistou o Prêmio Walmap.

Franco, José Patrício -. Escritor piauiense (Porto Alegre, município de Jerumenha, 1906 - Teresina, 1989). Membro da Academia Piauiense de Letras. Entre outros livros escreveu *O Município no Piauí*.

Gardolinski, Edmundo -. Engenheiro paraense (São Mateus do Sul, 1914 - Porto Alegre, 1974), radicado no Rio Grande do Sul e estudioso da imigração polonesa nesse Estado.

Pertenceu ao Círculo de Pesquisas Literárias (CIPEL). Escreveu: *Imigração e Colonização Polonesa no Rio Grande do Sul*.

Holanda, Aurélio Buarque de - Ferreira. Escritor e lexicógrafo alagoano (Passo do Camaragibe, 1910 - Rio de Janeiro, 1989). Transferiu-se para a antiga capital federal em 1942. Membro da Academia Brasileira de Letras. Autor do mais importante léxico de nosso idioma, o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, conhecido como *Aurelião*.

Hopkins, Gerard Manley - Poeta e religioso inglês (Stratford Essex, 1844 - Dublin, 1889), pertencente à Companhia de Jesus. Precursor da poesia moderna, por várias inovações formais (o "sprung rythm" e as "outrides"). Suas poesias foram publicadas bem postumamente, em Londres, 1918.

Horowitz, Vladimir - Pianista russo (Kiew, 1904 - Nova York, 1989). Passou-se para os Estados Unidos em 1928, estreando com a Orquestra Filarmônica de Nova York. Casou-se com Wanda, filha de Arturo Toscanini. Em 1986 voltou à Rússia para uma série de concertos.

Hyarup, Luís Celso Gomes von - Pintor e caricaturista brasileiro, nascido no Rio de Janeiro, de onde se transferiu para o Sul aos 2 anos de idade (1932-1989). - Faleceu em Porto Alegre. Tinha ascendência prussiana, gaúcha e catarinense. Atuou no Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore.

Irmão Nilo - Pintor e religioso da Congregação dos Irmãos Maristas (Santa Cruz, 1911 - Novo Hamburgo, 1988). Desdobrou suas atividades principalmente na cidade do Rio Grande. Apesar de daltônico, efetuou pinturas em muitas igrejas do Estado. Nome civil: *João Inácio Rech*.

Karajan, Herbert von - Músico e maestro austríaco (Salzburgo, 1908 - Salzburgo, 1989). Desde 1955 esteve à frente da Orquestra Filarmônica de Berlim. Participou de intensa atividade musical em Milão, Bayreuth, Paris, Salzburgo, etc. Casou-se com uma francesa. Praticava também a aviação, o automobilismo e a navegação (Terra, mar e ar).

Khatchaturian, Aram - Compositor e músico georgiano (Tiflis, 1903 - Moscou, 1978). Criou obras sinfônicas e músicas de câmara, com inspiração patriótica e folclórica. Entre elas, o *Concerto para Piano e Orquestra* (1936).

Kiefer, Bruno - Compositor musical, professor e químico industrial, alemão naturalizado brasileiro (Baden Baden, 1923 - Porto Alegre, 1987). Desenvolveu sua atividade no Rio Grande do Sul, onde por mais de 30 anos lecionou no Instituto de Artes da UFRGS.

Lima, Herman - Escritor e médico cearense (Fortaleza, 1897 - Rio de Janeiro, 1981). Diplomou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia. Publicou *A História da Caricatura no Brasil* (4 vols.), além de romance, contos, crônicas e ensaios.

Luz del Fuego. Nome adotado por *Dona Vivacqua*, atriz espírito-santense (Cachoeiro do Itapemirim, 1917 - Rio de Janeiro, 1967). Fundou um clube de nudismo na Ilha do Sol, baía de Guanabara, onde acabou assassinada.

Magalhães, Paulo de - Teatrólogo, jornalista, compositor musical, poeta e romancista carioca (Rio de Janeiro, 1900 - Rio de Janeiro, 1972). Bacharel em Direito pela Universidade do Rio de Janeiro em 1919. Escreveu mais de 100 peças, entre as quais *A Cigana me Enganou*.

Martins, Ari (Peixoto) - Escritor, jornalista, poeta e teatrólogo sul-rio-grandense (Porto Alegre, 1908 - Porto Alegre, 1971). Membro de muita atuação da Academia Rio-Grandense de Letras em suas diversas fases. Sócio-fundador do Círculo de Pesquisas Literárias (CIPEL). Autor do dicionário bibliográfico *Escritores do Rio Grande do Sul*.

Minscen, Guillaume - Professor francês de agricultura (Versailles, 1865 - Porto Alegre, 1915), radicado no Rio Grande do Sul. Colaborou com Joaquim Francisco de Assis Brasil na implantação da Granja de Pedras Altas. Dirigiu a Estação Agronômica Experimental do Estado, em Porto Alegre. Em suas publicações abordou o clima no RGS, a Agricultura e a Botânica.

Namora, Fernando (Gonçalves) - Médico e romancista português (Condeixa, 1919 - Lisboa, 1989). Diplomou-se pela Universidade de Coimbra, exercendo a medicina por vários anos. Seus 26 livros tiveram tradução para 23 línguas diversas.

Penido, P. Maurílio Teixeira Leite - Filósofo, teólogo, sacerdote e pianista fluminense (Petrópolis, 1895 - Rio de Janeiro, 1970). Estudou em Paris e em Friburgo (Suíça), em cuja Universidade lecionou. Doutorou-se em Filosofia e Teologia. Voltou para o Brasil em 1938. Principal livro: *Les Degrés du savoir* (1932).

Rambo, Balduino - Cientista, professor, escritor e sacerdote sul-rio-grandense (Montenegro, 1905 - Porto Alegre, 1961), pertencente à Companhia de Jesus. Organizou o valioso *Herbarium Anchieta* com cerca de 62.000 espécies. Entre muitas obras, deixou *A Fisionomia do Rio Grande do Sul*. Fundador do Museu de Ciências Naturais do RGS.

Riesch, Roman - Diretor de teatro e pintor, nascido na Alemanha e radicado no Brasil desde 1927 (Munique, 1896 - Santa Cruz do Sul, 1972). Dessa última cidade ia anualmente à Alemanha e lá organizava elenco e repertório teatral, em língua alemã, o "Riesch-Bühne", com o qual realizava largas turnês pelo sul do Brasil, Uruguai, Argentina, Paraguai e Chile.

Ruschel, Nilo - Jornalista, professor, radialista, escritor e poeta sul-rio-grandense (Estrela, 1911 - Porto Alegre, 1975). Foi diretor da Rádio da Universidade Federal do RGS. Membro da Academia Rio-Grandense de Letras. Entre suas obras: *O Gaúcho a Pé e Rua da Praia*.

Sakharov, Andrei - Cientista e político russo (Moscou, 1921 - Moscou, 1989). Foi físico nuclear e deputado. Conhecido por ser o inventor da bomba de hidrogênio da União Soviética, em 1952. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1975. Defensor dos direitos humanos, esteve exilado ou confinado em Gorki por sete anos.

Simenor, Georges - Escritor e teatrólogo belga (Liège, 1903 - Lausanne, Suíça, 1989), filho de pai bretão e mãe belga. Viveu por vários anos na França. Autor de mais de 400 romances populares, a maioria centrada no personagem *Maigret*, inspetor de polícia.

Volpi, Alfredo - Pintor italiano (Lucca, 1896 - São Paulo, 1988), radicado no Brasil, onde chegou aos dois anos de idade. Não participou do movimento modernista dos anos 20. Visitou a Itália em 1950 e a Bahia em 1954. Sua pintura passou por várias fases, expressas em suas quase 4.000 telas, altamente valorizadas.

## REMINISCÊNCIA

Alyc Cheuiche

Academia Rio-grandense de letras.

Conheci o poeta há exatos dez anos, numa manhã de Sol.

A casa foi fácil de encontrar. Sua aldeia há muito já crescerá. mas não tanto para esconder um homem da sua dimensão.

Aberta a porta, entrei na sala e fiquei à espera do poeta. Pelas paredes havia sonetos emoldurados, seguramente postos ali por mão de mulher. Confesso que pouco havia lido dele. Mas bastou-me ler aqueles dois ou três para saber que ia conhecer um eleito. Um daqueles poetas cristalinos. Talhados à imagem e semelhança de seus sonhos.

Não me enganei no vaticínio. O poeta já entrava na sala com um amplo sorriso de boas-vindas. E naquela mesma manhã eu fiquei sabendo que Afif Simões Filho era bom, afetuoso e nobre como os seus poemas.

Hoje despertei com um deles na cabeça. Não por acaso, o que se chama "Reminiscência" e que vive à página 29 do livro "O Menino Submerso":

*Eu vivia feliz na minha aldeia,  
Branca que parecia feita à giz...  
Havia uma capela pobre e feia  
Que os bairristas chamavam de matriz.*

*Nossa vizinha, estrábica e feliz,  
Andava sempre a par da vida alheia.  
E na praça que tinha um chafariz,  
Eu brincava ao clarão da lua cheia.*

*O sapateiro Anau batia sola...  
O cego Zé de Assis tangia a viola...  
A negra Iná vendia o seu mingau...*

*Nossa senhora, como o tempo voa!  
Já morreu toda aquela gente boa,  
Só quem resta sou eu - porque sou mau.*

Imagine, Nossa Senhora, se o Afif era mau, o que dizer de nós que ainda estamos por aqui? Nós que ficamos na orfandade dos verdadeiros poetas?

A mediocridade a correr como louca em busca da fama e Afif Simões Filho, no dizer bonito de Carlos Reverbél, não cedendo jamais à tentação de afastar-se de sua pequena cidade natal. Ali onde Sepé Tiaraju velou as armas em sua última noite de vida. Na cidade gaúcha de São Sepé. Ali nasceu, viveu e morreu o poeta. Deixando cada um dos seus amigos como o guri desconsolado do seu "Auto-retrato", a olhar o terreno baldio de onde o circo já se foi.

Nós aqui vamos ficando neste caluniado planeta terra. Um satélite que Moacir Santana jurava ser o mais lindo do sistema solar. E que Afif Simões Filho continua a namorar, lá do alto, dedilhando seu bandoncon nas noites de luar.

**VERITAS**

Revista de cultura geral — Trimestral

**LETRAS DE HOJE**

Revista de estudos de Lingüística, Literatura e Língua Portuguesa — Trimestral

**TEOCOMUNICAÇÃO**

Revista de estudos de Teologia, Filosofia e áreas afins, órgão de comunicação do Instituto de Teologia — Trimestral

**ESTUDOS IBERO-AMERICANOS**

Revista de estudos sobre a História e a Literatura Ibero-Americana, do Curso de Pós-Graduação em História — Semestral

**REVISTA DE MEDICINA DA PUCRS**

Editada pela Faculdade de Medicina e Instituto de Geriatria — Trimestral

**PSICO**

Revista especializada em Psicologia — Semestral

**DIREITO & JUSTIÇA**

Revista da Faculdade de Direito — Sem periodicidade

**EDUCAÇÃO**

Revista do Curso de Pós-Graduação em Educação — Semestral

**ODONTO CIÊNCIA**

Revista da Faculdade de Odontologia — Semestral

**PUCRS — INFORMAÇÃO**

Boletim informativo — Bimestral

**AGENDA PUCRS**

Boletim informativo interno da PUCRS — Mensal

**COMUNICAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS**

Sem periodicidade

**MUNDO JOVEM**

Jornal de idéias e reflexões para jovens, vinculado ao Instituto de Teologia e Ciências Religiosas — Mensal

**ANÁLISE**

Revista da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas — Semestral